



A EDUCAÇÃO DO CORPO NO TERREIRO: CUIDADOS E APRENDIZADOS DO CORPO NO RITUAL UMBANDISTA

Thiago Bispo da Silva
Orientadora: Alik Wunder

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo estudar as práticas e gestualidades que envolvem o corpo no Terreiro de Umbanda, como: as danças, o processo de incorporação, os cuidados, e as práticas que atravessam a vida e os aprendizados dos médiuns, moldando a maneira que eles enxergam e lidam com seus respectivos corpos. Devido a pandemia o trabalho de campo da pesquisa precisou ser suspenso, assim me enveredei por uma pesquisa cartográfica autobiográfica associada à aprofundamento teórico sobre o tema. Desta forma, parte das referências destas práticas e aprendizados vêm das minhas próprias experiências enquanto umbandista e outra parte de leituras de pesquisas, artigos científicos e livros ligados ao tema.

Palavras-chave:

Educação do Corpo, terreiro, Umbanda.

Resultados e discussão

Brumana e Martínez (1991), no livro “Marginália Sagrada”, nos ajudou a entender o corpo como sendo o núcleo da Umbanda, pois é através dele que a possessão (incorporação) se faz possível, sendo por ele que se recebe as más e as boas influências energéticas. Além de servir como ponte entre o sagrado e o mundo físico, o corpo também é aquele que toca os atabaques, que se ajoelha para rezar, que macera as ervas do banho que o limpará, que sente as energias do ambiente, que enxerga e ouve manifestações extra-físicas, que se arrepia...

O corpo também carrega as marcas e os símbolos da cultura umbandista nas roupas, guias e adereços com as quais são comunicadas as identidades religiosas. E também é o corpo que sofre com o racismo religioso. É o corpo que luta para que a laicidade do Brasil se cumpra. Sem o corpo, não há ritual.

A Educação do Corpo nos rituais umbandistas

Segundo Carmen Lúcia Soares (2014), a Educação do Corpo resulta de uma série de processos que as pessoas passam na vida social e incide de modo direto e preciso sobre o corpo. Sendo assim, muitos processos educativos reprimem progressivamente suas manifestações indesejáveis com o intuito de torná-lo adequado ao convívio social



(SOARES, 2014). Nesta noção, também se inclui as higiênes, os regimes alimentares, os gestos e as performances, que se fazem bastante presentes na cultura e nos rituais umbandistas.

[...] Educação do corpo resulta da lenta elaboração de pedagogias que comportam técnicas e políticas especializadas, pautadas por uma extensiva cartografia religiosa, artística e biomédica, elaborada em uma longa duração; cartografia que se alimenta das mais vastas ambições acerca da disciplina do corpo e dos gestos, da saúde, da vida.” (SOARES, 2014, p. 220).

Ao decorrer da pesquisa, se tornou evidente o quanto o corpo dos(as) adeptos(as) é educado desde seus primeiros momentos no terreiro. Quando se frequenta a Umbanda, uma das primeiras coisas que se aprende - ou ao menos tentamos aprender - é bater palmas e cantar ao mesmo tempo e no ritmo. Um exercício simples de primeira impressão, mas que muitas pessoas sentem dificuldade em fazer.

Assim que se abre a gira, observamos médiuns e cambonos(as) fazendo este exercício de maneira ainda mais complexa: eles(as) cantam, batem palmas e dançam em sincronia com a música e seus irmãos e irmãs de santo. A performance faz parte do ritual. Enquanto isso os curimbeiros cantam os pontos e tocam os atabaques sem olhar para baixo. De primeira impressão, o ritual é como uma celebração ao sagrado.

Entre os(as) filhos(as) de santo, atos como pedir a benção e bater cabeça no congá também estão presentes em muitos terreiros. São demonstrações de respeito e humildade com o sagrado e com os(as) dirigentes do templo.

Alguns cuidados com o corpo também estão presentes na rotina de umbandistas, como os banhos de ervas que são importantes para garantir bem estar mental e espiritual, a não ingestão de carnes e a abstinência sexual no dia da gira também é uma exigência comum na maioria dos terreiros para com os(as) médiuns que trabalham nas casas. Estes cuidados asseguram que todos e todas consigam incorporar mais facilmente e realizar as tarefas que lhes foram designadas.

O processo de incorporação

Quando se ouve o termo “incorporação” costuma-se pensar que o ser espiritual entra dentro do corpo do médium, mas alguns terreiros de Umbanda entendem que isto não acontece ao pé da letra. Brito (2017), em sua pesquisa sobre a teoria do “Intercâmbio mediúnico-energético”, descreve que na Umbanda do terreiro de Pai Joaquim “ O ser intangível – espírito; guia; mentor – não entra (in) dentro do corpo (corpora) de seu protegido. O médium e a médium têm a faculdade de sentir vibrações sutis que emanam dos seres e, captando tais forças, eles as podem (re)transmitir.” (BRITO, 2017). Neste caso, ele se refere às mensagens ou gestos físicos que entidade queira passar.



Para incorporar é preciso passar primeiro por um processo de aprendizagem, onde os(as) médiuns aprendem a sentir a energia dos guias e se conectar a eles durante as chamadas “giras de desenvolvimento”, que são restritas às pessoas que trabalham no terreiro. O desenvolvimento dessa habilidade mediúcnica é um processo gradual em que o(a) médium se aperfeiçoa a cada gira, para que com o tempo tenham cada vez mais clareza no que a entidade quer fazer ou dizer. Também é preciso que estejam sempre com sua higiene pessoal e espiritual em dia, para que esta comunicação ocorra com mais facilidade.

“A higiene pessoal é, desde logo, indispensável (“Não é por ser um Orixá que a matéria (=corpo) precisa estar sujo”). Não se trata apenas de um banho comum; muitas vezes este é um “banho de descarrego” (de água com ervas ou com sal). A proteção do agente é frequentemente reforçada com orações católicas e velas para diferentes Orixás de direita e para o anjo da guarda.” (BRUMANA e MARTÍNEZ, 1991, p.129).

Entendo o desenvolvimento mediúnico também como um processo de Educação do Corpo, em que a pessoa relaxar e se concentrar para conseguir se sintonizar com a energia do orixá ou guia espiritual de forma cada vez mais assertiva. Este é um processo gradual que se aperfeiçoa a cada gira. O processo da incorporação se dá a partir do momento que o guia se aproxima do corpo de energia do(a) médium e ambos tentam criar um laço até que haja o chamado “acoplamento áurico”, que é quando o(a) médium assume rapidamente a postura do guia; caso seja um preto-velho, por exemplo, ele irá se curvar, ou se for um erê, irá rodopiar ou sentar no chão. Enquanto isso acontece, o(a) médium concentra no toque dos atabaques e nos pontos cantados, estes por sua vez servirão como uma ponte entre os(as) médiuns e as respectivas entidades que os(as) acompanham.

Saúde e terreiro

Conforme se adentra na cultura e na religião umbandista, os devotos começam a entender que o terreiro, em grande parte, se assemelha à um hospital, onde muitas pessoas doentes fisicamente, mentalmente ou espiritualmente procuram ajuda. É comum ver pessoas chorando e desabafando com as entidades, sendo aconselhadas e acolhidas pelas entidades. Em alguns terreiros de Umbanda é comum realizarem “giras de cura”, um dia dedicado especialmente à ajudar pessoas doentes, e mesmo que por vezes o terreiro não consiga solucionar os casos mais graves, ele é capaz de fazê-las se sentirem melhores, acolhidas e mais felizes. Não estou aqui para dizer que o terreiro é capaz de curar completamente certas doenças, mas muitos o reconhecem como uma medicina tradicional, alternativa e acessível, principalmente em regiões mais pobres onde as pessoas não têm acesso à um apoio médico ou psicológico. Márcio Luiz Mello e Simone



Santos Oliveira (2013), tomando como base uma pesquisa realizada pelo Centro de Políticas Sociais/FGV, defendem:

“No Brasil, a maioria das pessoas acredita na ação do sagrado na prevenção e na cura de enfermidades. Cerca de 89% da população brasileira concorda que religião é importante, 50% já se utilizaram de algum tipo de serviço religioso. Em 2009, apenas 6,72% da população brasileira afirmava não possuir religião. Não por coincidência, os problemas de saúde estão entre as principais razões que levam as pessoas a procurarem ajuda religiosa no país.” (MELLO e OLIVEIRA, 2013, p.1028)

Em 1964, uma mãe de santo negra da cidade de Corumbá-MS, se tornou muito conhecida pela quantidade de pessoas que curou. Segundo o Jornal Campo Grande News, ela surpreendeu a muitos ao curar pessoas com câncer, surdas, cegas e ao fazer uma pessoa parálitica voltar a andar. Suas histórias se espalharam de forma a atrair pessoas de outros países em busca de seus milagres. Recentemente foi homenageada no 15° Festival América do Sul Pantanal (FASP 2019), segundo o site da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul.

Manifestação dos orixás e entidades

Certa vez, em comemoração ao dia de Iansã, fui em uma gira e a presenciei dançando enquanto segurava em duas plantas conhecidas popularmente como “espada de Iansã”, em suas mãos. Era um misto de dança e luta que fazia meu corpo reagir com arrepios e sensações nunca antes sentidas. Em determinado momento, enquanto abraçava seus fiéis, ela pegou uma das médiuns de ponta cabeça, segurando-a pelos pés em suas costas e a girou. Primeiramente, as pessoas que estavam próximas ficaram apreensivas, mas em seguida entenderam que aquele giro foi uma forma de abençoar a médium, de afastá-la de todos os males possíveis e de mostrar à ela que tudo é possível quando se crê, confia e se entrega aos orixás. Após essa experiência, fiquei me perguntando até aonde pode ir a nossa confiança e entrega ao sagrado.

“O pesquisador-cartógrafo não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho.” (DA COSTA, 2014, p.70-71).

Foi uma das experiências mais marcantes que vivenciei em um terreiro. Senti que aquela dança girou não somente aquela médium, mas também à todos e todas que estavam no terreiro aquele dia, um acontecimento reservado somente a quem escolheu estar lá, deixando de lado algum compromisso em troca de se entregar ao sagrado. Iansã fez do corpo da médium seu instrumento e usou a dança como forma de nos ensinar sobre devoção e confiança.



Cada orixá e guia espiritual tem sua forma de se manifestar no momento da incorporação. As manifestações podem ser muito variadas dependendo do terreiro e do nível de desenvolvimento dos médiuns da casa. A dança de algumas entidades também podem mudar conforme a linha espiritual a qual pertencem.

Conclusão

Penso que esta pesquisa ajudará a pensar o corpo de maneira mais humana e mais múltipla, apresentando outras formas de cuidados e de enxergá-lo sobre a óptica afro-religiosa/brasileira. Acredito que é de suma importância que a comunidade científica comece a pensar cada vez mais a Educação Física, a educação do corpo e seus cuidados para além dos esportes e da educação física escolar. Através desta pesquisa, pode se mostrar quantas formas variadas existem de cuidar da saúde. A pesquisa também se faz relevante diante da necessidade de ampliar os diálogos inter-religiosos, fazendo também os(as) profissionais de Educação Física e outras áreas reconhecerem as diferentes crenças e formas de ver e estar no mundo, para assim também estarem preparados para lutar contra o racismo religioso presente na sociedade e nas escolas, onde a laicidade não se faz presente.

Bibliografia

ANDRADE, Silvio. Família ainda mantém a tenda onde Cacilda fazia suas curas milagrosas. Campo Grande News, 23 de outubro de 2018. Disponível em: . Acesso em 22 de set de 2020.

BRITO, Lucas Gonçalves. A vibração dos corpos: notas sobre uma teoria umbandista sobre o intercâmbio mediúnico-energético. Religião & Sociedade, v. 37, n. 3, p. 173-197, 2017.

BRUMANA, Fernando Giobellina; MARTINEZ, Elda González. Marginália sagrada. Editora da UNICAMP, 1991.

DA COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista digital do LAV, v. 7, n. 2, p. 066-077, 2014.

Histórias da cuiabana Cacilda e suas curas milagrosas em Corumbá. PORTAL MATO GROSSO, 24 de out de 2018. Disponível em: . Acesso em 22 de set de 2020.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Educação. v. 39. n. 3. p. 404-411, 2016.

MELLO, Márcio Luiz; OLIVEIRA, Simone Santos. Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras. Saúde e Sociedade, v. 22, n. 4, p. 1024-1035, 2013.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação do corpo. Dicionário crítico da educação física. 3. ed. p. 219-225, 2014.